



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Sugestibilidade e rememorações – os resíduos do colecionador: entre Flávio de Carvalho e Walter Benjamin

Vanessa Daniele de Moraes¹

Resumen:

No livro “O cheiro do ralo”, do escritor Lourenço Mutarelli, o protagonista é um colecionador de “objetos que tem história”, e compra objetos pelo seu valor pessoal/sentimental, isto é, mais pelo resíduo da mercadoria do que pelo seu valor de consumo. Neste universo de coleções, o trabalho evidencia o pensamento de Flávio de Carvalho, que aborda temas como o passado e a memória, e explicita a noção de sugestibilidade que o objeto colecionado pode trazer, uma vez que este objeto vive tanto quanto o próprio indivíduo. Não obstante, consideramos a teoria de Walter Benjamin, com seu conceito de rememoração, em que se dá atenção ao presente com aquilo que ficou do passado. Partindo da idéia de que toda coleção traz consigo um resíduo do passado, destaca-se o sujeito que tensiona a ordem e a desordem. Importa aqui o colecionador que ignora o valor mercadológico dos objetos, mas que dá valor à memória que o passado pode suscitar nos objetos de coleção.

¹ nessadaniele@yahoo.com.br



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Sugestibilidade e lembranças – os resíduos do colecionador: entre Flávio de Carvalho e Walter Benjamin

No estudo da psicologia humana, Flávio de Carvalho foi exemplar ao abordar temas como o passado e as coleções, levando em consideração tudo o que a memória pode suscitar. O capítulo "As ruínas do mundo" de *Os ossos do mundo*, parece ser um livro à parte, pois as caracterizações de "relato de viagem" dão lugar a um Flávio mais filosófico e psicanalítico, e podemos dizer que ele dialoga com Benjamin quando atesta que sem o passado não há como existir ponto de apoio, ou seja, que "um homem sem passado é um homem impossível"². A respeito disso, Benjamin em seu ensaio "Escavando e Recordando" compara o homem que pretende se aproximar do passado com o arqueólogo; salienta ser necessário voltar sempre ao mesmo fato, "espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como quem revolve o solo. Pois fatos nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação."³ Se ao escavar estamos entrando no terreno da memória, o fragmento de Sigmund Freud "Construções em análise" conduz nossa atenção para uma analogia entre o psicanalista e o arqueólogo, pois o primeiro tenta reconstruir a sua história a partir de um pedaço de sonho, de que se lembra; ao passo que o resíduo arqueológico também pode levar ao fóssil inteiro. No ensaio de Freud, ele postula ainda que o trabalho do analista "assemelha-se muito à escavação, feita por um arqueólogo, de alguma morada que foi destruída e soterrada, ou de algum antigo edifício".⁴ O texto que lhe serve de base para este estudo é *Gradiva - uma fantasia pompeiana*, em que Wilhelm Jensen, em 1903, escreve sobre um arqueólogo chamado Norbert que se encanta por uma obra num museu e resolve fazer uma estátua semelhante para si, nomeando-a por "Gradiva". Ele sonha com ela, a idealiza, e um dia encontra uma moça que acredita ser *sua* Gradiva. Ela, por sua vez, finge ser a mulher dos sonhos do arqueólogo, mas depois confessa sua identidade: é Zoe (vida), uma menina por quem ele se apaixonou na infância. Norbert, sabendo a verdade, pede que ao menos Zoe

² CARVALHO, Flávio de. *Os ossos do mundo*. São Paulo: Editora Antiqua, 2005, p.42.

³ BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 239.

⁴ FREUD, Sigmund. "Construções em análise". In: _____. *Esboço de Psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1975, vol. XXIII, p. 293.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

segure seu vestido como a Gradiva segurava para que tudo torne ainda mais verossímil. De acordo com a leitura freudiana, o fragmento de sonho daria ao arqueólogo uma possibilidade de reconstrução de sua história; tal qual acontecia em sua profissão. E este fragmento de sonho, diria Flávio de Carvalho, evoca a sugestibilidade do resíduo. A diferença entre o arqueólogo e o analista, ao que percebemos então, seria a de que o analista tem que lidar com um “objeto” vivo, ao contrário do arqueólogo.

O personagem do livro *O cheiro do ralo*, de Lourenço Mutarelli, aspira e se preocupa (por vezes até cultua o cheiro do ralo) parecendo, assim, tomar o enquadramento do descobridor/arqueólogo de Flávio de Carvalho, na sua relação com o resíduo, especialmente quanto ao cheiro. Flávio pensa a questão do olfato como um fator condicionante nas recordações, e acrescenta, na discussão, sua função afrodisíaca, pois o cheiro “reaviva o fogo e o gosto do contato sexual, talvez mais ainda que a visibilidade.”⁵ Se considerarmos que o resíduo, no texto de Mutarelli, é o cheiro do ralo, podemos pensar, com Proust, o ato do personagem como uma busca, mas voluntária, pelo passado, entendendo a “sugestibilidade” como o que faz com que o cheiro acenda seus sentidos e provoque outros. Assim acontece quando o personagem vai até a lanchonete para ver e desejar a bunda da garçonete, o que deflagra uma estrutura cíclica: para ver a bunda, come um sanduíche na lanchonete o que o faz evacuar, e isso provoca o cheiro. Flávio de Carvalho atribui o fervor pelos resíduos a outros interesses: “Os resíduos da construção da fantasia naturalmente se compõem de resíduos de outra categoria encontrados e valorizados por uma escolha ligada ao desejo de valorização estética.”⁶ E sendo o resíduo ligado a outros desejos, ele torna-se instrumento do observador na busca pelo passado:

‘Sentir o passado e a espécie’ está ligado à idéia de sugestibilidade. Uma coisa é sugestiva quando ela carrega em si um grande número de emoções capazes de repercutir e sugerir ao observador a visão e a volúpia de todo um mundo. Esta grande acumulação de força anímica no objeto-resíduo, faz com que ele seja o único óculo pelo qual o homem pode um dia

⁵ CARVALHO, Flávio de. *Os ossos do mundo*. São Paulo: Editora Antiqua, 2005, p.49.

⁶ *Ibidem*, p.46.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

enxergar o pasado e a espécie. A visão oferecida é a sublimação da sugestibilidade.⁷

Trazer o passado à tona, na visão benjaminiana, teria o sentido da *rememoração*, ou seja, de dar atenção ao presente com aquilo que ficou do passado. Nas palavras de Jeanne Marie Gagnebin, “[...] não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente.”⁸

É a propósito do colecionador que se evoca aqui Derrida, em *Mal de arquivo*, pois ele levanta as significações da *arkhé*, lembrando que “a arquivagem produz, tanto quanto registra, o acontecimento”. Os suportes arquivísticos são variados: a terra, o corpo, o computador, a memória, e acumulam

[...] tantos otros archivos sedimentados, algunos de los cuales están escritos en plena epidermis de un cuerpo propio, otros sobre el soporte de un cuerpo “exterior”. Bajo cada lámina se abren los labios de una herida, para dejar entrever la posibilidad abismal de otra profundidad distinta prometida a la excavación arqueológica.⁹

É possível perceber uma relação entre os autores quando tratam dos fatos ou acontecimentos suscitados pela memória e que serão objetos de arquivagem. Na sua leitura de Freud, Derrida afirma que a pulsão de morte (ou pulsão de agressão, ou de destruição) se desencadeia a partir de uma perversidade irreduzível, e, ao operar em silêncio, nunca deixa um arquivo que lhe seja próprio. Tentando o esquecimento, trabalha para destruir o arquivo, também com a finalidade de apagar suas marcas¹⁰.

⁷ Ibidem, p.48.

⁸ GAGNEBIN, Jeanne Marie “Verdade e memória do passado”. In: _____ *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006, p.55.

⁹ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo* – una impresión freudiana. Traducción de Paco Vidarte. Edición digital de Derrida en castellano. Disponível em <http://www.jacquesderrida.com.ar/textos/mal+de+archivo.htm> Acesso em 17/Set / 2008.

¹⁰ O sentido de apagar as marcas aqui, diferente do sentido percorrido por Gagnebin, equivale a bloquear um acontecimento da memória, no sentido freudiano, em que, a pulsão de morte, “[...] destruye su propio archivo por adelantado, como si fuera ésta en verdad la motivación misma de su movimiento más propio. Trabaja para destruir el archivo: con la condición de borrar, mas también con el fin de borrar sus «propias» huellas -que, por tanto, no pueden ser propiamente llamadas *propias*”. DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo* – una impresión freudiana. Traducción de Paco Vidarte. Edición digital de Derrida en



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Benjamin, por sua vez, em *Sobre o conceito de história* vai dizer que “[...] somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente de seu passado”¹¹ e que um passado citado é um passado redimido pois não há o que esquecer, todos os momentos podem ser citados à ordem do dia, “e esse dia é justamente o do juízo final”¹². Em *Rua de mão única*¹³ Benjamin retoma a questão da lembrança/esquecimento, e afirma que no resgate de uma lembrança, devem ser passadas também as camadas originárias daquele arquivo:

[...] uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente.¹⁴

O colecionador de *O cheiro do ralo* se volta para as partes inferiores do corpo como que à força de uma necessidade rememorativa: essas partes malditas ou esquecidas pelas classes “educadas”, são, no entanto, levadas de forma muito espontânea pelas classes populares, como bem o lembra Bakhtin, em seu famoso *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, quando fala do carnaval, a festa da carne, quando se celebra justamente todos os sentidos físicos que haviam sido reprimidos durante o ano: a sensualidade, a gastronomia, os desejos físicos e considerados “baixos”, e o riso.

Bakhtin aponta o *realismo grotesco*¹⁵ para lembrar do “rebaixamento, isto é, a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel

castellano. Disponível em <http://www.jacquesderrida.com.ar/textos/mal+de+archivo.htm> Acesso em 17/Set / 2008.

¹¹ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin – 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.223.

¹² Ibidem, p.223.

¹³ BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 240.

¹⁴ BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5 ed.São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 240.

¹⁵ Assim ele denomina o sistema de imagens da cultura cômica popular.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato.”¹⁶ Se Mutarelli tivesse escrito *O cheiro do ralo* na Idade Média, por exemplo, partes do corpo como a bunda talvez tivessem outra significação. Segundo Bakhtin, no realismo grotesco,

[...] a degradação do sublime não tem um caráter formal ou relativo. O “alto” e o “baixo” possuem aí um sentido absoluta e rigorosamente *topográfico*¹⁷. O “alto” é o céu; o “baixo” é a terra; a terra é o princípio da absorção (o túmulo, o ventre) e, ao mesmo tempo, de nascimento e ressurreição (o seio materno). Este é o valor topográfico do alto e do baixo no seu aspecto cósmico. No seu aspecto *corporal*, [...] o alto é representado pelo rosto (a cabeça), e o baixo pelos órgãos genitais, o ventre e o traseiro.¹⁸

A relação entre as partes baixas do corpo está no domínio de tudo aquilo que é terreno, assim como o riso também estava ligado a esse rebaixamento, pois “o riso degrada e materializa”. E degradar, nessa cultura, era

[...] entrar em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, a do ventre e dos órgãos genitais, e portanto com atos como o coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção de alimentos e a satisfação das necessidades naturais. A degradação cava o túmulo corporal para dar lugar a um *novo* nascimento. E por isso não tem somente um valor destrutivo, negativo, mas também positivo, regenerador: é *ambivalente*, ao mesmo tempo negação e afirmação.¹⁹

¹⁶ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* – o contexto de François Rabelais. 4 ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade Federal de Brasília, 1999, p.17.

¹⁷ Grifos do autor.

¹⁸ *Ibidem*, pp. 18-19.

¹⁹ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* – o contexto de François Rabelais. 4 ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade Federal de Brasília, 1999, p. 19.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Com Bakhtin, vemos então que a cultura popular da Idade Média e do Renascimento, através de uma leitura de Rabelais, não era pautada pela moral, que hoje inibe certas atitudes sociais: “Os festejos do carnaval, todos os atos e ritos cômicos que a ele se ligavam, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval.”

Bataille também vai observar as partes baixas do corpo, atentando mais especificamente para o dedão do pé, e a partir da concepção de polarização entre o baixo e o alto no corpo, vai dizer que o dedão do pé é “a parte mais humana do corpo do homem”²⁰, pois permite que o homem mova-se sem precisar agarrar-se a galhos ou “pedras no meio do caminho”: o dedão do pé dá firmeza na postura ereta do homem e no caminhar. O artigo de Bataille, “O dedão do pé”, postula ainda posições entre as partes mais elevadas do corpo com as mais baixas, uma vez que os dedos das mãos “significam os atos hábeis e os caracteres firmes, enquanto os dedos dos pés são normalmente caracterizados pela estupidez e baixa idiotia”²¹.

A respeito dos objetos abjetos, ou até abomináveis, das partes baixas do corpo, partes essas que ficaram por muito tempo como tabu, ou seja, não eram sequer mencionadas pelos homens “de bem”, Flávio de Carvalho menciona o colecionador de calças de mulher, na busca (mesmo que inconsciente) de seu “perfume ou cheiro que ainda contém e pelas recordações que rememora”; ou o colecionador de coisas tão insignificantes quanto *caixas de fósforos*; de *cascas de feridas*; e os judeus, que colecionavam *prepúcios*. O próprio Flávio admite ser um colecionador de *papel higiênico* dos países por que passou e faz uma pequena análise sociológica dos cuidados que diversos povos têm com o *ânus*, uma parte inferior do corpo a respeito da qual não se fala por não ser de *bom tom*, segundo os de uma elite burguesa educada. Daí o ser abjeto... Mas o mais interessante é que ele não fala mal do papel higiênico, como o fariam muitos indianos para quem esse uso seria causa de irritação da pele (eles utilizam apenas água para a higiene do corpo): a seu modo de ver, “o papel higiênico é um índice de elevação do indivíduo em elemento de estudo para o sociólogo”²²: indicador do nível econômico de um povo, a valorização que se dá ao ânus, e, conseqüentemente, a

²⁰ BATAILLE, Georges. “Le gros orteil”, 2006 apud MORAES, Eliane Robert, *O corpo impossível*, São Paulo: Iluminuras, 2002, p.189.

²¹ MORAES, Eliane Robert, *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras, 2002, p.189.

²² CARVALHO, Flávio de. *Os ossos do mundo*. São Paulo: Editora Antiqua, 2005, pp.50-51.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

elevação de um sentimento de superioridade²³. Em qualquer um desses exemplos de coleções mencionados por Flávio é possível perceber a presença do resíduo, e, em alguns casos, do abjeto.

As coleções

Flávio de Carvalho, tal como Benjamin, ao tocar no tema do arqueólogo, vai lembrar os colecionadores. A respeito das coleções, explica que elas

[...] podem fornecer comparação e dialética, e conseqüentemente sugestibilidade. O homem vive no seu mundo mas raramente se dá ao trabalho de examinar o mundo em que vive. Um exame dos objetos do mundo e das coisas encontradas no correr da vida, não somente desperta uma nova sensibilidade no indivíduo, e que antes se achava adormecida, mas também estabelece uma ligação anímica maior entre o indivíduo e o objeto examinado; o objeto adquire para o indivíduo um valor e uma sugestibilidade que ele dantes não possuía; o objeto torna-se uma fonte de recordação das dúvidas e do drama da vida... o objeto vive tanto quanto o próprio indivíduo.²⁴

Flávio atribui a esse processo de mudança - o objeto antes sem valor e agora carregado de sugestibilidade - uma "atmosfera" que é suscitada pelas recordações longínquas, recordações advindas de uma comunicação entre o inconsciente e o aspecto do objeto para o observador. Ao transpor essa concepção para a história, ele afirma que, ironicamente, as recordações se encontram “[...] nos resíduos abandonados pelo homem e não destruídos, e as recordações cósmicas, as grandes feridas do mundo se congregam em toda a produção do homem e em tudo que aparece ao homem.”²⁵

²³ E o papel higiênico não deixa de ser e de conter o resíduo, o supérfluo, aquilo que é descartado pelo homem, mas que carrega restos dele próprio, como o cheiro que “vem do ralo” no livro de Lourenço Mutarelli.

²⁴ CARVALHO, Flávio de. *Os ossos de mundo*. São Paulo: Antiqua, 2005, pp.42-43.

²⁵ *Ibidem*, p.43.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Os resíduos de que trata Flávio seriam responsáveis para a reconstrução do passado; para a reconstrução da origem, tão almejada no trabalho do pesquisador. Quanto menos resíduos tiver o objeto analisado, mais sugestibilidade ele terá, uma vez que a segurança para o pesquisador provém justamente da quantidade de resíduos sobreviventes do objeto observado: quanto mais resíduos, mais segurança, mais ponto de apoio para resgatar o passado - e também, maior probabilidade de o objeto persistir através dos tempos. No resíduo, a coleção ganha força e a pesquisa também. Benjamin diria que o colecionador é, em primeira instância, um grande estudioso. Cito: “Colecionar é um fenômeno primevo do estudo: o estudante coleciona saber.”²⁶. E num outro fragmento lembra-se dos galhos que os pássaros colecionam e vão formando o ninho de seus filhotes:

É importante o ato fisiológico do ato de colecionar. Não deixar de ver, ao analisar este comportamento, que o ato de colecionar adquire uma evidente função biológica na construção dos ninhos dos pássaros. Parece haver uma alusão a isso no Trattato sull'Architettura, de Vasari. Pavlov também teria se interessado por coleções.²⁷

Benjamin também escreve sobre o colecionador de livros em “Desempacotando minha biblioteca”²⁸. No fragmento, escrito em primeira pessoa, o narrador coleciona livros que jamais lê, e discorre sobre “a arte de colecionar mais do que a coleção em si”²⁹. Para este homem, possuir é mais importante do que usufruir - o colecionador é um sujeito que tensiona a ordem e a desordem, pois a posse do objeto lhe dá a ordem natural³⁰ das coisas, mas a qualquer “perda”, a desordem é estabelecida. Por isso Benjamin atesta que “na prática se há uma contrapartida da desordem de uma biblioteca, seria a ordenação de seu catálogo.”³¹ Para o colecionador, o objeto tem valor também por ser “resíduo” de seu passado, por seus antecedentes. Nas palavras de Benjamin,

²⁶ BENJAMIN, Walter. *Passagens*, Org. Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p.245.

²⁷ Ibidem, p.244.

²⁸ BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.227.

²⁹ Ibidem, p.227.

³⁰ A ordem natural seria ter, organizar ou conseguir mais um exemplar.

³¹ BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 228.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

[...] sua existência (do colecionador) está sujeita a muitas outras coisas: a uma relação muito misteriosa com a propriedade, [...] a uma relação com as coisas que não põe em destaque o seu valor funcional ou utilitário, a sua serventia, mas que a estuda e as ama como o palco, como o cenário de seu destino. O maior fascínio do colecionador é encerrar cada peça num círculo mágico onde ela se fixa quando passa por ela a última excitação – a excitação da compra. Tudo o que é lembrado, pensado, conscientizado, torna-se alicerce, moldura, pedestal, fecho de seus pertences. A época, a região, a arte, o dono anterior – para o verdadeiro colecionador todos esses detalhes se somam para formar uma enciclopédia mágica, cuja quintessência é o destino de seu objeto.³²

Podemos encontrar todas essas peculiaridades do colecionador n’*O cheiro do ralo*, em que o protagonista não é só um vendedor; ele coleciona objetos antigos. Ele não só paga o preço que julga justo pela mercadoria, mas, para ele, a “posse” de uma mercadoria velha representa o seu renascimento, como acontece com Benjamin, quando este chega a dizer: “Renovar o mundo velho – eis o impulso mais enraizado no colecionador que o interessado em novas edições luxuosas”³³. Assim vemos o personagem de Lourenço Mutarelli pagando, não o preço que o produto vale no mercado, mas sim o preço de suas histórias, histórias dos antigos donos da mercadoria ou das que ele próprio irá fantasiar, como o olho de vidro ou a perna mecânica que ele compra – com o olho ele cria a história de que o objeto era de seu pai e que agora esse olho terá que “ver de tudo nessa vida”; e com a perna mecânica fantasia que ela serviu *para seu pai* quando ele lutou na guerra e ficou sem as pernas verdadeiras. É importante notar então, que essas fantasias que ele cria para os objetos que adquire são sempre relacionadas com a sua própria história; ele inventa histórias sobre a tradição do objeto como se ele fosse o seu próprio herdeiro. Benjamin, em *Passagens*, vai dizer justamente isso: que é preciso haver um desligamento das funções do objeto para que se inicie um vínculo próprio entre o objeto e o colecionador. Assim ele atesta:

³² Ibidem, p. 228.

³³ Ibidem, p. 229.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

O mais profundo encantamento do colecionador consiste em inscrever a coisa particular em um círculo mágico no qual ela se imobiliza, enquanto a percorre um último estremecimento (o estremecimento de ser adquirida). [...] Colecionar é uma forma de recordação prática e de todas as manifestações profanas da “proximidade”, a mais resumida³⁴.

Histórias ficcionais, mas que vão dando um contorno mágico para suas narrativas, ao contar de sua vida para a empregada, para a moça da lanchonete ou a quem mais conversar. O preço dado às mercadorias não pode ter mérito pelo tempo atual, tempo de uso, tampouco pela compaixão pela pessoa que está vendendo. É preciso pensar no lucro, no “resíduo da troca” que é também o “surplus”, a “mais-valia” do capitalismo, e é a propósito disso que o personagem repete que “a vida é dura” durante toda a trama. A respeito de ter se tornado uma pessoa fria, ele confessa:

[...] Sabe, no meu trabalho, quando eu comecei eu tinha que ser forte. Eu tinha que ser frio. Porque eu compro as coisas dos outros, e tinha que oferecer o mínimo possível, para ter o meu lucro.

E no começo, eu ficava com pena das pessoas. Mas eu não podia ter pena, se não eu nunca ia chegar onde eu cheguei. Então eu fui ficando mais frio.³⁵

Não era por compaixão que o negociante comprava objetos (ele pensava, obviamente, em seu lucro); tampouco pelo tempo de uso do objeto ou se ele era antigo ou novo – o tempo é efêmero, e o valor das coisas não pode ser pautado apenas pelo tempo. O critério do personagem para comprar objetos era atípico, pois, segundo ele, era necessário “absorver o sentimento das coisas”³⁶. No livro de Mutarelli, um dos negociantes oferece ao protagonista um compasso. Diz que o compasso foi um objeto

³⁴ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Org. Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p.239

³⁵ MUTARELLI, Lourenço. *O cheiro do ralo*. São Paulo: Devir, 2007, p.53.

³⁶ Frase do roteiro de *O cheiro do ralo*, direção de Heitor Dhalia, 2006.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

que lhe ajudou a fazer desenhos técnicos, e hoje os círculos do computador não têm o mesmo valor porque não são feitos diretamente da mão do homem, como os do compasso. O protagonista discorda disso: e quem dá os comandos ao computador? Portanto, o valor das coisas não pode ser medido pelo tempo, e a modernidade é também transitória. Gilberto Freyre elucida essa transitoriedade:

O moderno apenas é efêmero e mal se define como moderno e já está sendo superado por um tempo mais-que-moderno. O eruditamente clássico nunca é a perfeição definitiva: para a sua própria compreensão plena, profunda, precisa ser reinterpretado por sucessivas gerações que sejam sucessivamente modernas e, como modernas, críticas de valores. Precisa, quando de origem apenas acadêmica, de tornar-se extra-acadêmico, de sofrer a crítica da rua, e, se é literatura, de tornar-se real, em vez de conservar-se apenas em papel.³⁷

O fragmento de Gilberto Freyre poderia dialogar com o trecho de *O cheiro do ralo* em que um personagem oferece notas antigas para o comprador, e este último as recusa. Aquele que oferece diz: “Esse dinheiro aqui não vale nada”³⁸, e o outro responde: “Fica tranqüilo que em breve o meu também não vai valer”³⁹. Em tal diálogo fica evidente não só o valor inflacionário do dinheiro, mas também o fato de que o protagonista não priorizava apenas objetos antigos nas suas escolhas, ia além, precisava “absorver o sentimento” delas para adquiri-las.

O colecionador que se preocupa com o resíduo dos objetos tem o mesmo intuito de um trapeiro, se pensarmos, com Gagnebin, que as figuras do trapeiro e do narrador devem ter o cuidado de não deixar que nada se perca. Com Benjamin, a aproximação entre o trapeiro e o poeta revela desde aí o ponto comum: transformar o “lixo” em “algo útil”. Não é à toa que o pensador alemão, em “Paris do segundo Império”, aclama Charles Baudelaire por ter apontado relações entre o trapeiro e o poeta no sentido de que os dois garimpam pelas ruas de Paris – o primeiro, atrás de um resto de lixo para

³⁷ FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno*. 2.ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001, p.49.

³⁸ Frase do roteiro do filme *O cheiro do ralo*, 2006, direção de Heitor Dhalia.

³⁹ *Ibidem*.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

transformá-lo em algo proveitoso; o segundo em busca de matéria para a sua poesia (rimas, versos...) – ambos realizando seus negócios nas horas da noite em que os burgueses se entregam ao sono. A coleção, o poema ou os materiais do trapeiro: todos eles trazendo o resíduo do passado para dialetizar a história.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas:

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* – o contexto de François Rabelais. 4 ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade Federal de Brasília, 1999

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin – 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

BENJAMIN, Walter. “H – O colecionador”. In: _____. *Passagens*, Org. Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 239.

CARVALHO, Flávio de. *Os ossos do mundo*. São Paulo: Editora Antiqua, 2005

FREUD, Sigmund. “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen”. In: _____. *Obras Completas*. v. IX. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

FREUD, Sigmund. “Construções em análise”. In: _____. *Esboço de Psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1975, vol. XXIII

FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno*. 2.ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001

GAGNEBIN, Jeanne Marie “Verdade e memória do passado”. In:_____ *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria*.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

JENSEN, Wilhelm. *Gradiva – uma fantasia pompeiana*. Tradução Ângela Melim. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

MORAES, Eliane Robert, *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras, 2002

MUTARELLI, Lourenço. *O cheiro do ralo*. São Paulo: Devir, 2007

Sítio:

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo – una impresión freudiana*. Traducción de Paco Vidarte. Edición digital de Derrida en castellano. Disponível em <http://www.jacquesderrida.com.ar/textos/mal+de+archivo.htm> Acesso em 17/Set / 2008.

Filmografia:

O cheiro do ralo. Dir. de Heitor Dhalia. Distribuído por Filmes da Estação, 2006.